

## Natureza e arte “À sombra das araucárias”

“À sombra das araucárias” é um poema de Manuel Bandeira publicado pela primeira vez no livro *A Cinza das Horas* de 1917 e, no decorrer do texto, vemos um diálogo entre a voz lírica e outra pessoa, também presente. Da leitura do poema entendemos essa “outra pessoa” como sendo o próprio poeta, dada a ausência de uma resposta. Portanto, o que temos de fato é um monólogo, como podemos verificar no desenvolver do poema:

À sombra das araucárias  
Não aprofundes o teu tédio,  
Não te entregues à magoa vã.  
O próprio tempo é o bom remédio:  
Bebe a delícia da manhã.

A névoa errante se enovela  
Na folhagem das araucárias.  
Há um suave encanto nela  
Que enleia as almas solitárias...

As cousas têm aspectos mansos.  
Um após outro, a bambolear,  
Passam, caminho d'água, os gansos,  
Vão atentos, como a cismar...

No verde, à beira das estradas,  
Maliciosas, em tentação,  
Riem amoras orvalhadas.  
Colhe-as: basta estender a mão.

Ah! fosse tudo assim na vida!  
Sus, não cedas à vã fraqueza.  
Que adianta a queixa repetida?  
Goza o painel da natureza.  
Cria, e terás com que exaltar-te  
No mais nobre e maior prazer,  
A afeiçoar teu sonho de arte.  
Sentir-te-ás convalescer.

A arte é uma fada que transmuta  
E transfigura o mau destino.  
Prova. Olha. Toca. Cheira. Escuta.  
Cada sentido é um dom divino. (BANDEIRA, 1967, p. 163)

No poema, vemos que o poeta busca abrigo na natureza e ali refugia nela na tentativa de um diálogo interior, como quem busca dentro da mata um

retorno a si mesmo. Toda a primeira estrofe é feita de maneira a entendermos o espaço debaixo das araucárias como um local de reflexão e tranquilidade, onde não devemos nos entregar levemente às mágoas e chagas da vida: “À sombra das araucárias/ Não aprofundes o teu tédio, / Não te entregues à magoa vã. / O próprio tempo é o bom remédio:/. Bebe a delícia da manhã (BANDEIRA, 1967, p. 163). Consequentemente, nestes locais buscamos observar atentamente a mata e aproveitá-la, nos distanciando da vida agitada e cheia de mágoas da cidade.

Ao longo do poema, podemos perceber certo encantamento do poeta com a natureza e ao mesmo tempo essa natureza como um local de cura e reflexão, ou uma busca de um local seguro no qual se possa fazer questionamentos sobre ele próprio e sua essência como, na segunda e terceira estrofe: “A névoa errante se enovela/ Na folhagem das araucárias. / Há um suave encanto nela/ Que enleia as almas solitárias...” (BANDEIRA, 1967, p. 163).

Nestes trechos vemos um encantamento, mas, ao mesmo tempo, uma voz lírica em dor que busca curar as próprias chagas, buscando refúgio no santuário entre as altas araucárias. Sendo assim, se no homem há dor, a natureza lhe é um bálsamo. Contudo, como constata Jauss (1994), a estética romântica da natureza exclui a natureza bruta ou não ideal, sendo assim, o que temos no poema se aproxima de um *locus amoenus*, ou seja, uma natureza idealizada, podada de seus elementos hostis, e que por isso mesmo serve como abrigo ao homem em dor, que busca retornar a “impulsos” ou “modos de vida” mais naturais e, portanto, mais leves, como um retorno a um estado mais primordial das coisas.

De acordo com Alves (2009), *locus amoenus* se refere à:

Expressão latina que designa a paisagem ideal, sempre presente na poesia amorosa em geral e, com maior incidência, na poesia bucólica. Desde a Antiguidade Clássica que o termo *locus amoenus* nos remete para a descrição da Natureza e para um conjunto de elementos específicos: o campo fresco e verdejante, com um vasto arvoredo e flores coloridas, cujo doce odor se espalha com a brisa. A vegetação é densa, mas constantemente renovada, dada a grande fertilidade do terreno e a passagem do tempo não conduz à destruição da paisagem [...]. Ouve-se o suave som da água do riacho a saltar nas pedras ou a brotar de uma fonte, onde os animais vão beber. Há borboletas policromáticas esvoaçando, assim como aves diversas (normalmente rouxinóis ou pardais), que abrilhantam o céu azul. Esta

natureza mágica é conducente ao amor, ao encantamento sensorial e espiritual do Homem, que se integra na perfeição em tal plenitude, marcada pela harmonia e homogeneidade. Enfim, estamos perante um paraíso terrestre, onde se enquadra o ser humano que busca a satisfação pela simplicidade (ALVES, 2009)<sup>1</sup>.

A relação da voz lírica com a natureza é fato, mas traz para a superfície alguns pontos controversos a serem considerados. Por exemplo, lembramos que a natureza é um ideário, muitas vezes construído, e sua construção de fato não existe se não pela mão do homem.

Dessa forma, a linguagem estética do poema evoca uma natureza que é exaltada de forma ideal, afastada, quase bucólica e, portanto, pelo viés do *locus amoenus*. Logo, o poema nos leva a um paradoxo: o homem busca refúgio entre a natureza, mas ela é trabalhada, romantizada (JAUSS, 1994), podada de seus elementos hostis ou indesejáveis e aclimatada para melhor atender os desejos do homem. Pois, a natureza serve muitas vezes como abrigo ao poeta, mas também, em outras ocasiões, se revela como turva e ameaçadora, como pode ser observado na própria obra de Bandeira, em poemas como *A Mata e Boi Morto*.

Contudo, nessa paisagem bucólica e afastada sob a sombra do dossel das araucárias, em conversa com a voz lírica, o poeta parece encontrar o real desejo e missão do artista: a preservação da natureza pela estética da arte. A vida pode ser má, mas a natureza e a criação através da arte ainda servem como cura ao coração do romântico. Na penúltima estrofe se lê: Sus, não cedas à vã fraqueza. / Que adianta a queixa repetida? / Goza o painel da natureza. / Cria, e terás com que exaltar-te/ No mais nobre e maior prazer, / A afeiçoar teu sonho de arte. / Sentir-te-ás convalescer. (BANDEIRA, 1967, p. 163). Portanto, a natureza aqui serve como a maior cúmplice da Arte, suprimindo, além de tudo, de refúgio para os seres solitários do mundo, ou seja, para os românticos que buscam criar e se enaltecer com a criação (PONTIERO, 1986).

Prosseguindo, se o poeta consegue tomar consciência de si por meio da natureza, é natural que parte dessa consciência venha através de seus sentidos, como observado na última estrofe: Prova. Olha. Toca. Cheira. Escuta. / Cada

---

<sup>1</sup> Disponível em: <<https://edtl.fcsh.unl.pt/encyclopedia/locus-amoenus/>>. Acesso em 22 de outubro de 2020.

sentido é um dom divino (BANDEIRA, 1967, p. 163). Desse modo, a voz lírica no poema, tanto reflete e elabora quanto ao mesmo tempo experimenta e cria, como se fosse capaz de perceber a importância de “beber as delícias da manhã” ao mesmo tempo em que também vê o tempo e a vida arrebatando sua existência, como se a criação artística não só recuperasse uma natureza perdida, mas também a vida, os sentimentos e as sensações que ficaram marcadas, para sempre emolduradas, durante aquele breve momento e estadia sob a sombra das araucárias.

Isso, é especialmente verdade se olharmos ainda mais a fundo na última estrofe, que nos diz: A arte é uma fada que transmuta /E transfigura o mau destino. (BANDEIRA, 1967, p. 163). Aqui a arte é positiva, ela transmuta a realidade e preserva bons momentos em seu encanto pleno, colocando harmonia onde encontramos agitação e perturbação. Dessa maneira, o poeta tem as dívidas da natureza a sua volta, mas para que essas dívidas se realizem há a necessária mediação humana, que nesse caso é a mediação artística. Uma vez que, através da mediação pela arte a natureza permanece viva, nem que seja através de uma percepção humana, a percepção de uma natureza e sua importância como remédio das dores do homem, que constantemente busca onde se refugiar.

Quando Bandeira menciona o “painel da natureza”, a impressão que se dá é justamente essa, a de ver um quadro, no qual um homem descansa a beira do rio, sob a sombra das araucárias, com frutos à mão. A preservação de uma tranquilidade que o ambiente proporciona, a de uma relação balsâmica e de interdependência entre homem e natureza. “As cousas têm aspectos mansos.” Este é o desejo do poeta.

Por conseguinte, a natureza é como um painel, a mediação entre o natural e humano, ou a junção entre os dois, onde o destino da região foi transfigurado pela arte, e mantido sempre no estado de tranquilidade, mantido nem que seja pelos desejos e sentidos humanos, nem que seja podado de seus elementos naturais. E, transmutada pela arte, a natureza é mais que um painel, mais que um quadro. Pois, se a vida tem suas mágoas, se o nosso destino é mau, nem por isso devemos nos entregar à “queixa repetida”, olhemos para a

natureza, olhemos para a arte. A voz lírica conclama: “Bebe a delícia da manhã” como quem nos aponta uma saída disponível, um *locus amoenus*.

Por fim, o “escapismo” da voz lírica pode, assim como seu tratamento por vezes idealizado da natureza, olhar para um meio natural já constantemente perpassado pela influência civilizatória e urbana, mas ao mesmo tempo utiliza seus sentidos naturais para buscar, mesmo na natureza humanizada, um local de refúgio, uma transmutação da natureza para a arte e, assim, a criação de um bálsamo que pode ser encontrado nos dois, tanto na apreciação natural desses ambientes, como na sua percepção pela arte.

## Referências

ALVES, S. ***Locus amoenus***, 2009. Disponível em: <<https://edtl.fcsh.unl.pt/encyclopedia/locus-amoenus/>>. Acesso em 22 de outubro de 2020.

BANDEIRA, M. **Poesia completa e prosa**. Rio de Janeiro: Cia. José Aguilar Editora, 1967.

JAUSS, H. T. **El arte como Anti-naturaleza. A propósito del cambio de orientación estética después de 1789**. In: Darío Villanueva. Avances en la teoría de la literatura. Universidad de Santiago de Compostela, 1994.

PONTIERO, Giovanni. **Manuel Bandeira: visão geral de sua obra**. Tradução de Terezinha de Jesus do Prado Galante. Rio de Janeiro: José Olympio, 1986.